



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 17, v. 2

jan.2022-jun.2022

p. 37-50

A construção da identidade cultural: uma análise da série *One day at a time*

(Constructing a cultural identity:
an analysis of the series *One day at a time*)

(La construcción de identidad cultural:
un análisis de la serie *One day at a time*)

Daniela Lonardoní Alves¹

RESUMO: A partir de uma análise descritiva, a pesquisa tem como objetivo compreender o cruzamento de diversas identidades, como a origem cubana, migração, questões geracionais e de gênero, em articulação com o tema sexualidade na série *One day at a time* (2017). O projeto toma como base os conflitos de uma família de imigrantes cubanos nos Estados Unidos. Fundamentado nas concepções dos Estudos Culturais, o trabalho aprofunda-se sobre a desconstrução dos estereótipos de gêneros (BUTLER, 2003), observando as configurações socioculturais que percorrem a construção dessas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade cultural. Migração. *One day at a time*.

Abstract: This descriptive research seeks to understand the intermingling of various identities—such as Cuban origin, migration, generational and gender issues—in articulation with sexuality in the series *One day at a time* (2017), whose plot revolve around the conflicts within a family of Cuban immigrants in the United States. Based on the concepts developed by Cultural Studies, the work delves into the deconstruction of gender stereotypes (BUTLER, 2003), observing the sociocultural configurations that permeate the construction of these identities.

Keywords: Cultural identity. Migration. *One day at a time*.

Resumen: A partir de un análisis descriptivo, esta investigación tiene como objetivo comprender la intersección de varias identidades, como el origen cubano, la migración, las cuestiones generacionales y de género en conjunto con el tema de la sexualidad en la serie *One Day at a Time* (2017). El proyecto se basa en los conflictos de una familia de inmigrantes cubanos en Estados Unidos. Partiendo de las concepciones de los Estudios Culturales, este trabajo profundiza en la desconstrucción de los estereotipos de género (BUTLER, 2003), observando las configuraciones socioculturales que atraviesan la construcción de estas identidades.

Palabras clave: Identidad cultural. Migración. *One day at a time*.

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma). E-mail: danilonardoni2000@gmail.com.



1 Introdução

A influência midiática às construções de identidades culturais na pós-modernidade (HALL, 2006) é um objeto emergente nos dias atuais, dados os novos modos de relacionamento social, em especial com o constante desenvolvimento das tecnologias de informação. As plataformas de *streaming*², por exemplo, romperam com a lógica de divulgação dos canais de televisão tradicionais, possibilitando a produção de novos conteúdos que abordem os mais diversos temas. Este projeto faz uso da série *One day at a time* como objeto de estudo. O objetivo é compreender o cruzamento das diversas identidades das personagens, que abordam temas importantes como a origem cubana, migração, questões geracionais e de gênero, em articulação com o tema sexualidade a partir de uma análise de trechos específicos da primeira temporada da série.

Produzida pela Netflix, *One day at a time* é uma série de humor baseada na *sitcom*³ de 1975 de mesmo nome. Os episódios se concentram no dia a dia de uma família cubana que migrou para os Estados Unidos da América, abordando questões relevantes à comunidade latina presente no país norte-americano. A série trata de assuntos como a luta de militares veteranos com Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), depressão e ansiedade, identidade de gênero, sexismo e sexualidade, entre outros temas.

O seriado expõe a vida cotidiana de cada um dos personagens a partir de seus conflitos sociais. Elena, personagem de análise do estudo, é uma adolescente caracterizada como feminista e ativista social que constantemente entra em conflito com os pensamentos conservadores de membros de sua família, em especial, sua avó. A personagem não atende aos estereótipos de uma garota feminina, demonstrando não se sentir confortável usando vestidos e maquiagens, o que gerou uma confusão quanto a sua sexualidade e identidade.

As transformações da modernidade, segundo Hall (2006), provocaram uma crise de identidade que dividiu o homem moderno, remodelando a concepção do ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo. Três momentos históricos, conforme descrito pelo autor, foram fundamentais para a marcação de três concepções diferentes de identidade: 1. o sujeito do iluminismo: quando o homem era unificado, racional, contendo uma identidade fixa; 2. o sujeito sociológico: quando o sujeito refletia a multiplicidade do mundo externo, ou seja, a construção da identidade era estruturada a partir da interação com o outro e com a cultura, ligando o interior ao exterior; e 3. o sujeito pós-moderno, no qual o indivíduo apresenta uma identidade mutável,

2 Tecnologia que envia informações multimídias por meio da transferência contínua de dados, utilizando redes de computadores, especialmente a internet.

3 Abreviatura de *situation comedy*. O termo é usado para definir uma série de TV que apresenta uma ou mais histórias de humor em ambientes comuns do dia a dia.



que se constrói no decorrer da história e não é dada de forma instintiva. O sujeito pode assumir identidades diferentes em momentos diversos.

Na modernidade tardia, essa pluralidade de identidades é evidenciada nas transformações culturais ocasionadas pela globalização, impactando as estruturas, visões de mundo e a multiplicidade de identidades culturais. A construção de uma identidade lésbica, como a de Elena, deve ser pensada no interior das estruturas de poder e nos contextos sociais e culturais vigentes. A análise da série *One day at a time* busca a desconstrução de uma identidade estereotipada, observando como a personagem se constitui em meio aos preconceitos, dúvidas sobre a sexualidade e controle das estruturas sociais e familiares.

2 A construção da identidade cultural

Atualmente, a mídia está presente na vida do ser humano. De maneira subliminar ou direta, o produto midiático interage com a realidade social, sendo um componente que pode reforçar ou contribuir para o rompimento de estereótipos. A personagem Elena é um exemplo de como uma série, veiculada em uma das maiores plataformas de *streaming*, pode dar voz a concepções fora dos padrões binários de gênero, trazendo à tona discussões sobre sexualidade e de uma identidade que não é inflexível.

“A identidade é a denominação dada às representações (ideias e sentimentos) que o indivíduo desenvolve de si próprio, a partir do conjunto de suas vivências”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 187) Ela pode ser compreendida como um conjunto de características que tornam um indivíduo único. Isso, no entanto, não quer dizer que identidade é imutável. Ela é formada em um processo contínuo a partir da interação com fatores culturais na realidade em que o sujeito está inserido. Fatores como o desenvolvimento tecnológico e a produção midiática são elementos que interferem na construção de identidades na pós-modernidade. (HALL, 2006) A personagem Elena é um desses símbolos midiáticos que tem como objetivo representar um grupo que até pouco tempo atrás não tinha espaço nos meios de comunicação.

Hall (2006) defende o argumento de que a modernidade com suas transformações profundas provocou uma “crise de identidade” que subdividiu o homem moderno, alterando a percepção do ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca. Assim, houve três momentos históricos que marcaram concepções diferentes de identidade.

No Iluminismo, o homem tinha o poder da razão, da consciência e da ação. Nessa época, o seu interior e a sua identidade permaneciam os mesmos desde o nascimento até o fim da vida. O ser humano era caracterizado pela centralidade e unificação do seu próprio eu, sofrendo



influência direta de movimentos culturais, religiosos e científicos, como o Protestantismo, o Humanismo Renascentista e a Revolução Científica.

Na transição para o Renascimento, ocorreu uma mudança fundamental do pensamento humano. A inclusão do indivíduo no contexto social de dependência fez surgir a necessidade de o indivíduo racional influenciar e ser influenciado pelas ideias de outros. O sujeito sociológico inserido no mundo moderno se tornou complexo. A identidade era formada na relação com outras pessoas a partir de uma estrutura de valores, sentidos e símbolos que representavam a cultura dos mundos que habitava. A identidade se torna um meio de interação entre o eu e a sociedade, ocupando sua subjetividade no mundo exterior.

Esse processo de identificação produz o sujeito pós-moderno, cuja identidade é móvel e não é dada de forma inata. Ela se constrói historicamente, podendo assumir características diferentes em momentos diferentes. A partir do momento que a representação cultural passa a se multiplicar, somos confrontados por uma variedade de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. A identidade para o sujeito pós-moderno.

Torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. O sujeito assume identidades em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2006, p. 13)

De acordo com Bauman (2005), a identidade é uma construção líquida, fluida, porosa, que deveria ser considerada um processo contínuo de redefinir-se e reinventar-se. É uma construção de relações, espaço, tempo e contexto, que exige que o indivíduo seja flexível para que possa se adaptar às frequentes mudanças. As identidades tornam-se híbridas, ou seja, passam a ser produzidas por uma mistura de culturas diferentes, que não têm apenas uma raiz ou matriz, sendo resultantes da globalização moderna. Isso significa também que as identidades se tornam um dever individual, um processo de construção permanente, e não mais de responsabilidade coletiva que implicava somente certa conformação às normas sociais.

Para Bauman (2005), a modernidade significou uma busca constante de formas de conhecer, classificar e ordenar o mundo. Tudo que não seja ordenado, nesse sentido, passa a ser considerado natural, e tudo que é natural deve ser controlado e adequado às condições humanas de vida.

Na modernidade tardia, as mudanças quanto às transformações da identidade são ainda mais rápidas e permanentes. Um dos principais impactos ocasionados pela globalização foi no plano cultural, sendo que os grupos sociais dominantes sempre procuraram impor sua ideologia sobre os povos diferentes, dominados. Diferentemente das sociedades consideradas tradicionais,



nas quais os símbolos do passado são perpetuados, a sociedade pós-moderna aparenta ser bastante flexível.

Segundo Moita Lopes (2002, p. 32), a construção de identidade está profundamente relacionada à maneira como os indivíduos “se comportam discursivamente” em contextos sociais diversos. Nesse sentido, o discurso e a identidade são construídos e reconstruídos socialmente e têm um caráter dialógico. Ele explica que “é a presença do outro com o qual estamos engajados no discurso que, em última análise, molda o que dizemos e, portanto, como nos percebemos à luz do que o outro significa para nós”.

Hall (2016) segue com o discurso baseado na pluralidade que é determinada socialmente. Segundo ele, é possível identificar as identidades em três modos de interpretação da mensagem transmitida pelos meios midiáticos: 1. modo dominante ou preferencial: quando a mensagem é decodificada de acordo com a forma como ela é construída; 2. modo negociado: nesse modo, o significado da mensagem é negociado de acordo com as condições dos receptores; e 3. modo de oposição: quando o receptor entende a proposta da mensagem, mas a interpreta de forma alternativa (HALL, 2016). Assim, as sociedades pós-modernas e suas representações são caracterizadas pela diferença tanto de posições quanto de visões, antagonismos e, conseqüentemente, de identidades. Elena, por exemplo, se comporta diferente das representações tradicionais de garotas de sua idade.

As raízes cubanas são de grande importância para a construção da identidade dos personagens. A história de Cuba na época da Revolução Cubana e a partida de cubanos para os Estados Unidos, principalmente, também fazem parte da história da família retratada na série. Cuba é mais conhecida pelos longos anos do governo de cunho socialista de Fidel Castro, pela manutenção de seu sistema de governo mesmo após o esfacelamento da potência socialista, pelo seu sistema de saúde gratuito e de qualidade e pelo turismo (CHOMSKY, 2015).

A partida de muitos cubanos para os Estados Unidos aconteceu durante o período de 1959 a 1962, quando o governo se liga à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Com medo de que as crianças fossem doutrinadas pelo pensamento hegemônico da época, os pais acabaram mandando seus filhos para os Estados Unidos por meio do programa da Igreja Católica, apoiado pela *Central Intelligence Agency* (CIA), chamado Pedro Pan. A memória de muitos cubanos que foram para os Estados Unidos é seletiva. Diferentemente dos que ficaram em Cuba, onde a revolução é dividida entre passado e presente, os que foram exilados fazem uma separação espacial, em que a memória sentimental prevalece como se a única coisa a se lembrar é da Cuba de antigamente. (CHOMSKY, 2015)



3 Os estereótipos de gênero

Até o início da década de 1970, o ponto de vista patológico era a base para os estudos psicológicos sobre a homossexualidade. Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade do grupo de transtornos mentais (CFP, Resolução 01/99). Assim, a psicologia passou a direcionar seus estudos às características psicossociais e atitudes sociais para com o grupo. Atualmente, se por um lado a homossexualidade é algo natural da manifestação da atração nos relacionamentos, algo saudável, por outro, ainda existe preconceito e desinformação. (MOITA LOPES, 2002)

Na ficção, o tema é tratado de diferentes maneiras. No caso de nosso objeto de estudo, são abordados os conflitos de Elena ao revelar ao seu pai sua orientação sexual durante o seu aniversário de 15 anos. Feminista e ativista social, a personagem é retratada como uma adolescente incompatível com o conservadorismo de sua família. Elena não corresponde aos estereótipos de uma garota feminina, pois não se sente confortável usando roupas e acessórios socialmente designados às mulheres, ocasionando uma confusão quanto a sua sexualidade e identidade.

Segundo Bobbio (2002, p. 104), "por não ser corrigível pelo raciocínio ou por ser menos facilmente corrigível, o preconceito é um erro mais tenaz e socialmente perigoso". Bobbio diz que o erro não pode ser confundido com preconceito. Uma pessoa ao descobrir que cometeu um erro pode tentar reverter a situação, já o preconceito é a crença na autenticidade de uma opinião falsa. Essa crença só é possível porque o indivíduo de alguma forma deseja que ela seja verdadeira. Isto é, os estereótipos são rótulos criados de maneira generalizada pelo senso comum de maneira a tentar agradar um determinado grupo de pessoas.

Os estereótipos são resultado de uma construção social que estabelece padrões e formas de enxergar o outro, exigindo um determinado comportamento perante a sociedade. A escolha de roupas azuis para menino e rosa para menina durante a gravidez é um exemplo. Esse padrão segue durante a infância: meninos brincam de bola e carrinho e meninas de boneca e casinha. Isso ocorre devido à reprodução de uma visão de mundo de que os homens devem ser fortes e corajosos, enquanto as mulheres precisam ser delicadas e cuidar do lar. Elena é representada pelos seus conflitos que fogem à regra esperada para uma jovem de 15 anos.

As representações culturais da comunidade LGBTQIA+, segundo Butler (2003), devem ser compreendidas a partir da desconstrução dos estereótipos vigentes. A construção dessa identidade deve ser pensada no interior das estruturas de poder e nos contextos sociais e culturais presentes. A autora apresenta o termo 'heterossexualidade compulsória' (BUTLER, 2003), uma



opinião social de que a heterossexualidade é uma orientação socialmente imposta aos indivíduos pelo ‘discurso homogêneo’.

Segundo as normas binárias de gênero estabelecidas socialmente, o sexo se refere às categorias inatas do ponto de vista biológico, isto é, algo relacionado com feminino e masculino. O gênero diz respeito aos papéis sociais relacionados à mulher e ao homem. (MOSEK, 1989) Os indivíduos que não se enquadram nas normativas sociais estão presentes na sociedade contemporânea vivenciando ataques de discursos de exclusão. Esses discursos seguem uma lógica de hierarquização dos sexos, determinando a hegemonia do gênero masculino sobre o feminino.

Tanto o sexo quanto o gênero são socialmente construídos. Não é possível considerar o primeiro como natural.

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero [...]. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. (BUTLER, 2003, p. 25)

A teoria de Butler vem da ideia de que corpo e mente são indivisíveis. Segundo ela, o corpo não é natural, mas construído conforme o desenvolvimento da criança, que é educada pela sociedade, transformando-a, mais tarde, em mulher ou homem, conforme as regras estabelecidas socialmente. A diferença entre os órgãos genitais não é compreendida simplesmente por uma diferença biológica, mas sim a partir de um olhar cultural. O indivíduo será tratado socialmente de uma maneira se ele for do sexo masculino e de outra forma se for do sexo feminino. Assim sendo, “os domínios da ‘representação’ política e linguística estabeleceram a priori o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito”. (BUTLER, 2003, p. 18)

Além dos indivíduos que assumem uma relação entre sexo, gênero e sexualidade, os gêneros inteligíveis, existem também os que apresentam ‘falhas’ nessa continuidade: são os gêneros falhados. Eles contradizem o modelo binário imposto. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. (BUTLER, 2003, p. 59) Assim, pode-se compreender que o gênero é uma construção cultural, que nega o sistema sexual binário vigente atualmente na sociedade.

4 A construção da Elena na série *One day at a time*

Os episódios de *One day at a time* retratam a rotina de uma família cubana que migrou para os Estados Unidos ainda durante o regime de Fidel Castro, na década de 1990. O seriado



expõe a vida de cada um dos personagens a partir de seus conflitos sociais. Lydia, a matriarca, também chamada de *abuelita*, mantém os costumes do país de origem, criando conflitos com a família. Sua filha, Penelope, além de trabalhar meio período como enfermeira, serviu no Exército durante a guerra no Afeganistão e tem uma relação conturbada com seu ex-marido, um ex-combatente que sofre com problemas psicológicos, mas não busca orientação médica. Elena é uma adolescente que convive com a inquietude de não se enquadrar nos padrões esperados para uma jovem de 15 anos. Ela sofre com dúvidas sobre sua sexualidade, além de lidar com a perda de sua melhor amiga devido à política de deportação de imigrantes ilegais dos Estados Unidos. Elena tem um irmão mais novo que é retratado pela sua preocupação com sua posição social no time de beisebol da escola.

A primeira temporada foca na festa de 15 anos de Elena, uma das tradições da cultura cubana que sua avó e sua mãe resolvem manter. Elena, no início, não concordou com a decisão de fazer o festejo, pois, segundo ela, a *quinceañera*⁴, como a festa é chamada, era um ritual misógino. Após descobrir que o motivo pelo qual a mãe queria realizar o evento era mostrar para as pessoas que ela era capaz de organizar a festa sozinha, mesmo sendo uma mãe solo, a garota mudou de ideia.

Um dos rituais da festa é a valsa com o príncipe. Lydia deixa claro para a neta que a garota deveria escolher um menino da escola para dançar com ela, mas Elena não queria. Para não ter que dançar com seu primo, Elena pediu para o garoto mais popular da escola ser o seu par. O objetivo de Elena era fingir estar arrasada quando ele não aceitasse e, assim, não precisar participar dessa parte do ritual. Para sua surpresa, ele aceita e afirma gostar dela, o que dá a chance de Elena se relacionar com um menino para ter certeza sobre o que sentia em relação à sua sexualidade.

Na véspera, Elena conta ao pai que é lésbica e ele não lida bem com a notícia, o que faz a garota ter medo do pai não comparecer ao seu aniversário. Elena aparece na festa com um terninho em vez do tradicional vestido branco, fazendo o pai ficar irritado e ir embora. Na hora da valsa de pai e filha, Elena fica sozinha no meio da pista de dança esperando o pai aparecer. Ao descobrir que Victor tinha ido embora, Penelope se levanta, vai até a filha e dança com ela. Em seguida, Alex, Lydia, Schneider (amigo da família e dono do prédio onde moram) e Dr. Berkowitz (chefe de Penelope) vão até a pista e dançam abraçados com a aniversariante.

4 Celebração do aniversário de 15 anos de uma garota. Tem suas raízes culturais no México e é amplamente celebrada por meninas em toda a América Latina.



4.1 A Cuba de antigamente

A personagem Lydia relembra em diversos momentos como foi ter de abandonar sua família e fugir para os Estados Unidos por conta da Revolução Cubana. É de se notar que seus relatos se referem a uma memória sentimental e traumática desse evento. As lembranças relatadas são de uma infância feliz em um local lindo e próspero, que foi interrompida pela revolução. Para a personagem, essa revolução foi a causa da separação de famílias e da miséria do povo cubano. A mistura da nostalgia e do luto é utilizada como mecanismo de defesa para a sobrevivência de pessoas que passam por grandes mudanças traumáticas. No caso de Lydia, fica evidente ao analisar a série que a personagem apresenta um forte nacionalismo ligado a uma Cuba que não existe mais porque foi transformada pela revolução.

Com o programa Pedro Pan, Lydia, aos 15 anos de idade, e suas irmãs mais novas vão para os Estados Unidos para tentar uma nova vida. Lydia não dá muitas informações sobre os seus primeiros anos nos Estados Unidos ou sobre sua família antes da viagem. Os relatos dessa época relacionados à sua família são raros e demonstram um patriotismo ligado à antiga Cuba. A série mostra que a memória sentimental da personagem é um fator de grande importância para a construção da sua identidade e dos demais personagens que são seus sucessores na família. Na história, é fundamental que a cultura cubana de antigamente seja passada para as novas gerações. Isso fica mais evidente nas personagens mais velhas, Lydia e Penelope, que justificam suas ações com a sua identidade cubana/latino-americana.

4.2 Diferença entre as gerações

Ao abordar os temas sexismo, microagressões e *mansplaining*, ficam evidentes os seguintes aspectos: 1. o pensamento machista de Lydia, que não compreende a luta das mulheres em busca de igualdade em relação aos homens; 2. o ponto de vista de Penelope, que acredita que sexismo de verdade seria somente em situação de assédio sexual; e 3. a posição de Elena, que por ser de uma geração mais contemporânea valida microagressões como formas de violência. Logo, são apresentados três discursos com diferenças geracionais, dando visibilidade para tais tipos de discussão.

Além disso, pode-se perceber que Lydia, apesar da idade, é apresentada como uma dançarina sensual e bem sexualizada, mas também religiosa e conservadora. Elena, mesmo se orgulhando da origem latina, o que contribui com sua luta contra o racismo em alguns momentos, não tem uma ligação direta com a cultura cubana. Isso é visto em seu discurso que muitas vezes acaba ignorando suas particularidades como mulher latina. Por fim, Penelope aparece como meio termo, pois não nega sua cultura, mas também não é estereotipada ao



extremo. A série se preocupa em preservar a imagem da cultura cubana de modo a discutir a memória dos imigrantes cubanos, a representação da mulher latina em produções cinematográficas e a questão do não binarismo sexual frente a uma família conservadora.

4.3 A importância da *quinceañera* para a família

Civilizações mais antigas, no México, mantinham rituais de puberdade, em que as meninas de 15 anos eram levadas para uma escola onde seriam treinadas para o casamento. Ao fim do rito, essas jovens voltariam ao núcleo de sua convivência prontas para casar e ter filhos. O costume se popularizou na Europa no século XIX. Os pais das meninas organizavam uma festa para apresentar a aniversariante à sociedade e, assim, encontrar um pretendente, promovendo casamentos arranjados.

Elena entendia a vontade de sua avó de manter as tradições cubanas. Lydia precisou sair do seu país de origem muito nova, tendo de se adaptar a uma nova cultura, completamente diferente da qual estava acostumada. A única forma de se ligar à sua terra natal era mantendo as tradições. O comportamento da avó era esperado, tendo em vista a tentativa de convencer Elena a mudar de ideia sobre a *quinceañera*. Para ela, sem a festa as pessoas não saberiam quando Elena teria ‘se tornado mulher’.

O que Elena não entendia era o porquê da festa ser tão importante para sua mãe. Penelope aparentava não dar toda essa importância em manter viva a tradição cubana na família, contudo, ainda fazia parte de uma família tradicional. O fato de Penelope ser mãe solo e a família estar fora dos padrões tradicionais e conservadores esperados reforça a importância da manutenção da tradição como forma de provar que Penelope é uma boa mãe. Ela confessa à filha que o desejo de promover a cerimônia referia-se mais a ela do que à Elena. Penelope diz que queria comprovar que não precisava de um marido para educar bem os filhos e nem para organizar a festa de aniversário.

Esse preconceito que existe quanto à autonomia feminina vem da ideia enraizada de que uma mulher não pode ser feliz a não ser que tenha uma família tradicional constituída: marido e filhos. Elena, que sempre teve orgulho do esforço da mãe em criar sozinha seus dois filhos, percebeu que a festa era uma forma da mãe provar seu valor. Por consequência, Elena muda de ideia e aceita a comemoração de 15 anos.

4.4 A descoberta da sua sexualidade

Em meio aos preparativos, *abuelita* obrigou Elena a escolher um rapaz de sua escola para ser seu par na dança. Por mais que Elena negasse, foi convencida a convidar Josh, um colega de



sala: o menino mais popular da escola e capitão do time de beisebol do colégio. Ela não esperava que o jovem fosse aceitar o convite e, muito menos, que ele se declararia a ela. Elena, que ainda estava confusa em relação a sua orientação sexual, aceita namorar o rapaz. Ela decide passar mais tempo com o namorado para definir se era homossexual ou bissexual.

Por mais que o relacionamento estivesse correndo de forma adequada, Elena manifestou o desejo de não dançar com um menino: poderia passar a impressão de que era um casal romântico. Dessa forma, ela decide ser sincera com o garoto e assume sua homossexualidade. Durante uma conversa com sua mãe sobre a valsa com o príncipe, Penelope se preocupa com a possível reação do rapaz sobre a sexualidade da filha. Nesse momento, Elena declara que já se assumiu perante o menino e que ele teria ‘aceitado numa boa’, inclusive concordado em ser o parceiro de dança para mostrar apoio à garota.

Elena somente se assumiu para a mãe quando percebeu que teria o apoio, independentemente do assunto. Ela se sentiu confiante durante uma conversa com Penelope sobre um vídeo que a garota tinha assistido. O vídeo que continha cenas pornográficas deixou a família preocupada, pois na época Elena ainda mantinha um relacionamento com Josh. Depois de Elena se assumir, Penelope descobriu que seu filho e Schneider já sabiam, o próximo passo era contar para a *abuelita*.

4.5 Reação da família quanto à sexualidade de Elena

A aceitação de sua sexualidade é tranquila, mas existe o sentimento de culpa por medo de decepcionar a família. A sexualidade é baseada em construções sociais, históricas e culturais. Assim, a heterossexualidade é vista como natural e norma e, conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. Essas sexualidades, ao serem consideradas transgressoras de uma norma, podem ser alvo de preconceito. (LOURO, 2000) Logo, o ato de sair do armário envolve mais do que assumir-se publicamente como homossexual. Refere-se a um processo por meio do qual o indivíduo questiona a norma heterossexual, tornando-a visível. (BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2008) O primeiro da família a descobrir a orientação sexual de Elena é seu irmão, que acidentalmente escuta sua irmã desabafando sobre o peso de esconder esse segredo da família. O menino aceita com facilidade dizendo que ele não vê nada de errado em ser homossexual.

Para a teoria de *Bertalanffy* (MINUCHIN; FISHMAN, 1990) do modelo sistêmico, a família pode ser considerada um sistema total, onde as ações e os comportamentos de um de seus membros influenciam e são influenciados pelos comportamentos de todos os outros. Quando os pais tomam conhecimento da homossexualidade de um dos seus filhos, são envolvidos em uma



gama de sentimentos. Pode-se então dizer que o campo da sexualidade não diz respeito somente ao filho em seu processo de desenvolvimento, que passa por inúmeras transformações psicológicas, mas aos seus pais também, lidando com sua orientação. Quando Elena se abre para a mãe e conta que gosta de meninas, Penelope aceita e dá todo seu apoio para a filha. Porém, internamente, ela sente resistência em aceitar e não sabe como lidar com a revelação de Elena. Ao contar para Lydia, uma surpresa. No início, *abuelita* fica abalada pela notícia, mas logo se recompõe, fazendo uso da lógica e acolhendo a neta como ela é.

4.6 O conservadorismo do pai

Segundo Borges (2009), tanto o modelo patriarcal quanto o modelo mais igualitário não existem em estado puro. As relações familiares oscilam em um movimento, mas a tradição permanece regulando as relações, fazendo com que o moderno e o conservador coexistam. Historicamente, o dispositivo da sexualidade autoriza as famílias a serem as guardiãs da sexualidade de seus filhos e filhas, sendo seus membros autorizados a questionar e julgar o modo como vivenciam o erotismo. (DONZELOT, 1986)

Na véspera do aniversário, durante o ensaio da valsa com o pai, Elena conta a ele que é lésbica. Por ter sido ausente, Victor perdeu toda a fase da mudança da filha e não aceita que ela tenha ‘se tornado gay’, culpando, inclusive, Penelope por, segundo ele, ‘incentivar’ ao apoiar a sexualidade da adolescente, já que na percepção dele a filha está apenas atravessando uma fase e é dever da mãe ‘pôr juízo na cabeça da garota’.

A família, geralmente, cria punições sobre seus membros homossexuais, podendo ser desde “pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay, ou até a crueldades diretas e indiretas”. (SCHULMAN, 2010, p. 70) Ao ver sua filha com roupas consideradas masculinas, Victor diz acreditar que toda a família sabe sobre a orientação sexual de Elena, tendo uma reação negativa ao ver a cena. Ele se retira e não dança a valsa de pai e filha.

De acordo com Singly (2000, p. 14), “é no espaço onde circula o amor que se constrói uma grande parte da identidade pessoal dos indivíduos”. Assim, é preciso o reconhecimento de alguém a quem atribuímos importância para que nos sintamos existentes. Segundo o autor, é na família que se consolida esse sentido. Ao mesmo tempo que é rompida a relação pai e filha, a outra parte da família se fortalece para dar todo apoio à menina: a mãe, a avó, o irmão, Schneider e o Dr. Berkowitz se levantam dos lugares e dançam com Elena, prometendo à garota todo o apoio que ela merece.



5 Considerações finais

A construção de uma identidade cultural na série *One day at a time* está estabelecida com base na ideia de que essa identidade é móvel, se construindo com o passar do tempo. Cada vez que nos identificamos com uma identidade nova, outras que podemos nos identificar começam a surgir. A construção dessa identidade se dá baseada na desconstrução dos estereótipos vigentes. Em meio a uma sociedade alienada, educada para seguir somente uma determinada norma social preestabelecida, torna-se necessária, principalmente no meio midiático, uma representação das minorias, criticando esse modo binário de ver o mundo.

A personagem Elena busca o rompimento de uma identidade estereotipada, formando sua identidade em meio a preconceitos vindos da família ao se assumir homossexual. A garota é cercada pelo sentimento de culpa por medo de decepcionar seus familiares. A reação deles é de grande importância para a adolescente. O comportamento negativo do pai gerou consequências para todos, principalmente para Elena, gerando um sentimento de tristeza por não compreender a rejeição de seu progenitor e de solidariedade, visto o acolhimento do resto de sua família.

One day at a time, por meio da comédia, faz críticas aos preconceitos que são comuns de aparecer na família e no restante da sociedade quanto à construção de uma identidade cultural. A série expõe essas discriminações de forma direta, mostrando para o público que os preconceitos podem ser perigosos, por isso a tamanha importância da discussão desse tema. A série se importa também em não alimentar os estereótipos tanto de uma identidade binária ao apresentar a personagem com poucas características femininas quanto os já criados para a comunidade LGBTQIA+, dando voz à identidade individual de cada um.

Referências

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOBBIO, N. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Unesp, 2002.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2008.

BORGES, R. C. *Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de seus filhos e filhas*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



- CHOMSKY, A. *História da revolução cubana*. São Paulo: Veneta, 2015.
- DONZELOT, J. *A polícia das famílias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- LOURO, G. L. *Curriculo, gênero e sexualidade*. Porto: Editora Porto, 2000.
- MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. C. *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MOSER, C. Gender planning in the Third World: Meeting Practical and Strategic Gender Needs. *World Development*, Amsterdam, v. 17, n. 11, p. 1799-1825.
- ONE day at a time. Direção: Pamela Fryman e Phill Lewis. Produção: Gloria Calderon-Kellett e Mike Royce. [S. l.]: Act III Productions; Snowpants Productions; Big Girl Pants Productions; Small Fish Studios; Sony Pictures Television, 2017.
- BARBOSA, M. B.; COSTA, P. N. P.; VIEIRA, N. F. C. Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção HIV/AIDS. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 16, n. 6, p. 109-1024, 2008.
- SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas*, Natal, v. 4, n. 5, p. 67-78, 2010.
- SINGLY, F. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. (org.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-19.

